



SEGREDOS DE IRMÃOS

Phot. de Rebello Junior

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Numero 118

Braga, 2 de outubro de 1915

Anno III

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Portugal e colónias (1 anno)	2\$400	Estrangeiro (1 anno)	3\$000
« » (6 mezes)	1\$200	» (6 mezes)	1\$500
» » (3 mezes)	600	Numero avulso	60

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

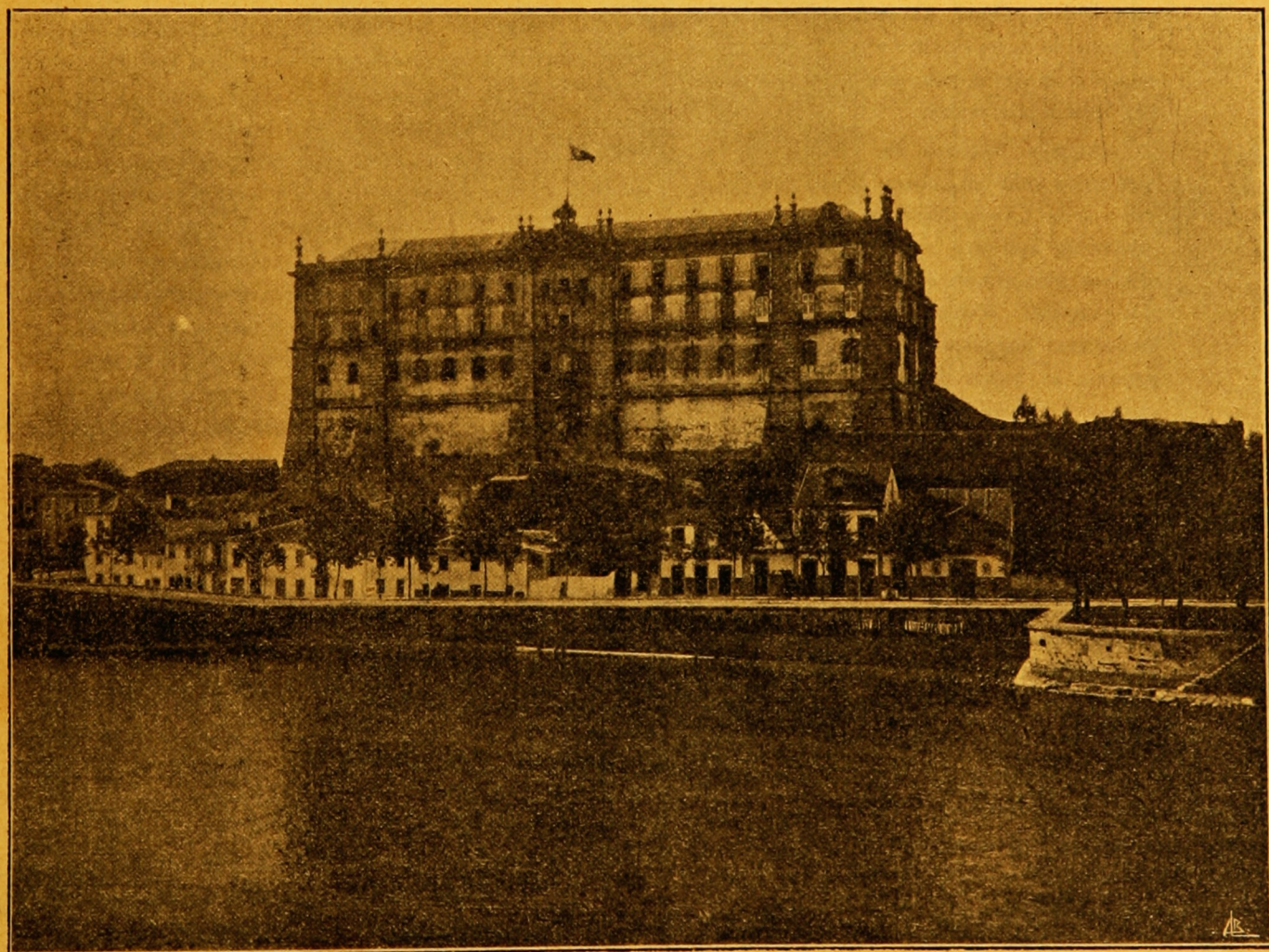
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 2 de outubro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 118—Anno III

VILLA DO CONDE



O antigo convento de Santa Clara, hoje transformado em casa de correcção.

Nas margens do Ave. Avenida Figueiredo de Faria

(Phot. Chaim Junior)



Chronica da Semana

D'ALTO A BAIXO

NO revolteio doido d'esta vida portugueza, vida irregular, d'altos e baixos, de miserias nojentas e de rasgos brilhantes, de injurias porcas e de phrases fonitroantes, de atrevidas audacias e servilismos de negro, vale a pena, vale a pena sim, leitor, observar como sob o influxo da pôdre aragem democratica e egualitaria (que já soprava de ha muito na sociedade realista, seja dicto) a nullidade obtin o seu triumpho e depois de subir a longa escadaria dos elogios, lá fica parada, no terraço, ás mesuras pârvoas da turba extatica e ridente que agora anda, mais que nunca, com a tola mania de vêr *homens eminentes*.

Aquelle "systema de corôas volivas,, que creou todo um publico baboso ao defuncto e velho *Diario Illustrado*, passou a esta sociedade semi-nua e semi-nova que dia a dia vae procurando adaptar-se ás exigencias da estupidez revolucionaria. E abatam-se bandeiras, apaguem-se com trapo ou com esponja, as linhas divisorias das chamadas correntes d'opinião, e ver-se-ha que da extrema direita á extrema esquerda, os portuguezes d'hoje são eguaes, nas confrarias, na politica, nos clubs e nos varios centros Affonso Costa e Antonio José d'Almeida do paiz, —constatação esta mais facil de fazer quando um pé-de-vento de revolução mistura tudo e a todos nivela na mesma massa anonyma e absurda d'onde o bom-senso e a coragem fugiram de ha muito espavoridos, como as forças de vida de um corpo longamente corroido e sanioso.

Escusa o leitor de confranger-se, que é assim mesmo: a nullidade coaxa hoje á tona do pantano, quer peça um rei, quer peça cabeças de *thalassa* d'escabeche, quer faça jornalismo, quer faça litteratura, quer ande na lambuja de posta gordurosa pelos portaes vêrde-rubros da politica, quer bata o peito nas egrejas, quer bata a lingua nos cafés, E' assim mesmo.

E quem trabalha e súa honestamente, e quem por merito proprio conquista o pão, não dê alor a sonhos de gloria ou sequer de mejiania porque, não vigiando attento o logar que conseguiu, arrisca-se a perder todo o seu jogo e a ficar por tolo ou invejoso. Hoje o caminho p'ra vencer é ou-

tro, embora *nunca d'antes navegado*. Por elle trilhou o lafoeiro que ha tempos fez exame de segundo grau, para concorrer a um cargo administrativo importante; por elle segue aquelle *grande* jornalista que dá como impossivel o ter uma ideia cada dia e este anno reedita nas mesmas columnas do diario uns artigos banaes do anno findo, podados de virgulas e periodos, p'ra fingir; por elle calcurria o *illustre* homem de leit as que inflando as bochê-chas, confessa a um ingênuo que "é preciso que ninguem nos comprehenda" depois de pedir pelas gazetas que lhe estampem a figura esperançosissima e lhe chaniem o digno rival de Gabriel d'Annunzio; por elle subiu a deputado, a governador civil, a diplomata, a ministro, cu sei lá! a presidente d'isto tudo o risonho ignorante ejanolado, o audaz acratá farroupilha e carbonario d'hoje bem vestido, que no Congresso faz de pato-mudo (e já não é mau); que nos governos civis só faz asneiras e pede ao 1.º official que o elucide ou ao secretario geral que o oriente p'ra que o auditor geral não venha a perceber; que em diplomacia faz as delicias do Haiti, de Montmartre ou das damas faceis [de Berlin; que no ministerio ás vezes tem o juizo de aprender o que lhe diz o director geral e de rubricar o que lhe põem na banca; e que como presidente d'isto tudo tem o indeclinavel dever de escrever larachas nos livros das associações, de fallar na Patria e na Republica á tropa e de fazer visitas quando lhe mandam, —além de assignar esse montão de leis que p'ra ahi está!

E' assim mesmo, leitor: em baixo um povinho ignaro e simples com a má qualidade de encolher hombros e a péssima de ser borrêgo; no meio a decima parte que trabalha para goso das outras nove; no cimo a gafaria *illustre* dos mudos de sobrecasaca e sem ella; ao lado, como *manteredor da ordem*, a tropa que entrega espadas. Isto vae bem! Isto vae longe!

Te ça-feira que vem é'o grande dia do quinto anniversario da Republica. Perfilar!... E a nullidade continuará dirigindo da immensa barcaça portugueza, catholicos e atheus, monarchicos e republicanos, emquanto a tal decima parte continuará suando e tressuando, murmurando apenasa revezes: raio de vida esta!...

F. V.

VIDA INTENSA

Lady nervos.

M

EU amigo: Vou deixar as rendas. Você, vae dizer-me, que é uma nova loucura, esgotar todas as suas boas palavras, para me convencer de que a renda é um trabalho delicado, subtil, uma dôce gymnastica espiritual, uma disciplina leve para os meus nervos... mas eu vou deixa-la e deixa-la de vez. Aconselhou-m'a para os meus nervos e os meus nervos remecheram-se, aguçaram-se, tornaram-se antipathicos, peores.

Ah meu amigo! São insuportaveis como as suas rendas, os seu modelos, os seus conselhos... E' impossivel. Morreria. Toda eu, me sinto mudada, diferente, e, coisa rara, sinto-me infantil, pequena!...

Não tenho uma ideia, não tenho um gesto, não sei ver. Soffri muito, as peores agonias; e nas viagens, e nas flores, procurei distrações que não vieram afinal... Aconselhou me as rendas. «E' o trabalho dos felizes, a ingenua e tranquilla tarefa dos ignorados, uma arte subtil, feita de delicadeza e de ternura, que consola, espiritualisa, ampara»... — dizia na sua carta amiga que acompanhou os primeiros modelos...

Havia nas suas palavras tanta promessa, tanta sugestão, que me entreguei apaixonadamente ao trabalho. Nos primeiros tempos senti-me bem. Parecia rejuvenescer. Sentia outra alma, nova, entusiasmada, que se repartia pelos meus dedos



Imagem de Nossa Senhora de Lourdes na freguezia de S. Pedro de Manteigas no seu original e artistico andor



desvairando-se feliz, nas pequenas e subtilissimas tramas, a prender, a ligar com ancia, com paixão, os fios leves, que ennastrava, torcia, martyrisava, na forma do desenho. Aquella pequena affirmação de vontade, dominando, adaptando ao que eu ainda julgava o meu sonho, enchia-me de vaidade, accordava-me o orgulho, o egoismo. A minha vida vivia dos meus serões, e os meus serões d'aquella constante e commovedora tarefa — o dominio consolador do meu sonho, do meu capricho, n'aquella arte subtil.

Realisei pequenas maravilhas, Entretanto comecei a sentir-me confrangida, amarfanhada. A minha alma fugia-me e não sei, sentia-a circumscrever-se a um circulo estreito de sentimentos, amesquinhar-se, inhabilitar-se emfim, para tudo que não fôsse a trama delicada d'uma renda. Olhei-me assustada, interroguei-me e horrorisada d'assombro, vi-me tão pequena como as mil combinações da renda subtil... Era medonho! quiz experimentar-me e voltei de novo á arte ingenua e polychroma dos tapetes, que eu tanto amára já, a animar, a reviver, aquellas figuras lendarias, visões longinquas de castellos e guerras, de duellos e caçadas... Mas os meus olhos não viam, a minha alma não via, ou peor, via, via, mas tudo reduzido, minuscuisado ás proporções da renda. A's vezes sonhava, imaginava com grandeza mas não podia crear, fixar, porque os dedos negavam-se, a visão da fórma circumscrevia-se e se n'um esforço immenso tentava, era com horror, que eu

via o meu sonho, a minha idéa tomar — fórma na fórma diminuida, apoucada, amarfanhada da renda. Vivía como encerrada n'um carcere! A minha alma de batia-se, debate-se, d'encontro a uma muralha... Não sei explicar-me; mas é afinal como se todo o meu ser estivesse, á força, dentro d'uma *bombonière*, a minha visão limitada ao horisonte de um funil o meu sentimento, a minha personalidade, todo o meu eu, apertado, forçado, jungido!

Aqui tem, onde me levaram as suas rendas...

Venha ver-me ou não venha, porque voltaria mordido de remorsos e eu sou ainda como sempre a sua velha amiga, X.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



A noite é a mãe dos pensamentos.

Goisas que passam...



NUNCA mais esquecerei. Nunca!
O sol doirava a poeira cosmica, como soe ver-se n'esses dias d'inverno em Portugal, rincão iberico da phantasia e do sonho.

A mocidade tem os seus caprichos; e nós, nós que vivemos n'esta vida doce dos vinte annos, que nos embalamos na esperanza indelevel dos dias que passam, nós que vivemos n'esta Coimbra inebriante; tambem temos os nossos mysticismos.

Oh, Coimbra, como eu te adoro quando te vejo na neve tristonha dos teus annos reclinada, pensativa sobre as aguas claras do Mondego abraçado pela cadeia dos salgueiraes; quando escuto a musica dos teus rouxinoes, pelo luar em fóra; quando oiço o arfar dos teus choupos na quietude beatifica das tuas noites ou quando a guitarra, esse instrumento divino, cujas cordas tecidas pelas fibras do coração portuguez vibram no ar quebrando a soidão das tuas madrugadas, as notas mais sentimentais e mais puras da harmonia universal; como eu te adoro!

Coimbra! tu possues a vara magica do encanto, mas, para comprehender-te é mister ter sobre os hombros a velha e negra capa do estudante.

Foi num domingo que nos lembramos de ir admirar mais uma vez as bellezas desse delicioso retiro que é a quinta da Portella.

Não conheço nada mais natural, sincero e franco do que o riso, a felicidade e a graça dos vinte annos. E ali, n'aquelle pequenino eden, a imaginação como que se ala e vóa em busca d'um ideal todo novo e puro.

Aquelle tunel caracteristico parece guardar no seio com orgulho a poesia d'outras gerações, dos que ali passaram.

Os malmequeres punham um tom branco sobre o verdejante dos canteiros e as camélias na candidez do seu "não me toques" enfeitavam caprichosamente as margens do lago minuscilo, emquanto o rosmaninho emprestava ao ether um perfume das atmosferas orientais.

Gozamos muito.

Ora, os ditos chistosos



O velho heroe de Sidi Brahim, o clarim Rolland, ultimamente fallecido

Prisioneiro de Abd-el-Kader, quando este soffria o embate de forças francezas, foi interrogado pelo sultão argelino:

— "Sabes um toque que faça retirar os francezes?.."

— "Sei,.. respondeu elle.

— "Então, toca.."

Rolland pegou n'um clarim e tocou... tocou á carga com todas as suas forças.

secundados pelo gargarhar crystallino dos rapazes, ora, o voltear d'uma borboleta perdida, ás vezes o canto do-lente do rouxinol formavam um conjuncto divino, uma phantasia ardente d'esse sentimentalismo meridional.

E tudo assim se passa; e assim se vão passando os dias da nossa juventude que, meu Deus, nunca mais voltarão.

Quando voltamos, morria já no horizonte o Sol, a aguia loira dos espaços, e a velha, torre da Universidade lá, ao longe, avançando pelo azul em fóra, parecia dominar na imponencia secular dos seus faustos, a nudez eterna do infinito.

Coimbra—1913.

H. VIANNA.



Uma brilhante festa religiosa na egreja de Santa Maria, em Cintra



Realizou-se no dia 12 d'este mez na egreja de Santa Maria, no arrabalde de Cintra, a festa da primeira communhão, á qual concorreram cincoenta e tantas creanças.

Além d'estas, que receberam a sua primeira communhão, duas pequenas de doze annos ba-



O Rev.^{mo} Bispo de Angola, D. João Evangelista Vidal, e os meninos da 1.^a Communhão

plisaram-se e commungaram. Como ficou bem vincado n'estes corações, este dia tão santo para as suas almas.

Dias antes da grande festa, iniciou-se um brilhante triduo em honra do Sagrado Coração de Jesus. Todas as trez tardes faziam varias praticas diversos sacerdotes, baseando-se as suas palavras, sempre, em explicações religiosas sobre a sagrada communhão e amor de Deus, como bem da nossa conducta na vida. O triduo foi sempre a orgão, habilmente tocado pelo rev. padre Palma e vozes. No domingo já ás 7 horas da manhã, a antiga egreja de Santa Maria estava repleta de fieis que esperavam a chegada do Rev.^{mo} Bispo de Angola

que vinha presidir a todos os actos, saindo do Estoril onde está passando a estação calmosa.

Foi deveras imponente o acto da communhão, fazendo um lindo efeito o cruzeiro da egreja completamente cheio de creanças que vestidas de branco, assemelhavam-se a bandos de pombas com as azas côr de neve.

São espectaculos de Fé catholica, que jamais se apagam dos nossos corações; felizes dos que as sentem.

Apoz esta cerimonia todas as creanças acompanhadas das senhoras da catechese sahiram do



Comissão de senhoras e rev. Prior Ramalho



Ex.^{mo} Rev.^{mo} Snr. Bispo de Angola, e rev. Prior Ramalho com os meninos da primeira Communhão

templo e foram para a quinta da Trindade onde foi servido um almoço esplendido.

Ao meio dia começou a missa da festa, cantada no côro por grande numero de senhoras, tendo cantado os solos as conhecidas e apreciadas amadoras D. Alice Felix da Costa e D. Manoela Sampaio, que ostentaram as suas lindas vozes. Ao Evangelho subiu ao pulpito o rev. Prior de Santa Izabel, de Lisboa, snr. Santos Farinha, que fez um brilhante discurso sobre o poder de Jesus, tendo tido phrases commoventes para as creanças que o escutaram com a maxima attenção.

A's duas e meia foi ministrado o sacramento do Chrisma, executando durante o acto lindos trechos no orgão, o rev. padre Palma.

A's seis horas, começou o sermão do notavel orador sacro, o rev. Conego dr. Ayres Pacheco que tomou como thema a *Contradição*. Foi deveras admiravel o seu discurso! Brilhantemente burilado, cheio de uncção, teve phrases eloquentes de verdade e imagens elevadissimas.

Seguiu-se o *Te-Deum* e benção do Santissimo, lançada pelo Rev.^{mo} Bispo de Angola.

Todo o dia a igreja esteve completamente cheia de fieis de todas as classes sociaes.

Não posso deixar de fazer os mais rasgados elogios ao rev. Prior Ramalho, joven sacerdote que tão bem sabe comprehender a sua missão! Foi incansavel em todos os

II
O
II

Vasconcellos, D. Emilia Correia Henriques (Seisal), D. Maria Carvalho Monteiro d'Almeida, D. Maria Laxmau d'Almeida e D. Maria de Sá Pereira (Anadia).

Resumindo: foi uma festa brilhante, de crença, de musica e de flôres.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



Porta da antiga igreja de Santa Maria

(Phots. Alfredo Pinto, (Sacavem).)

Padre Antonio Vieira

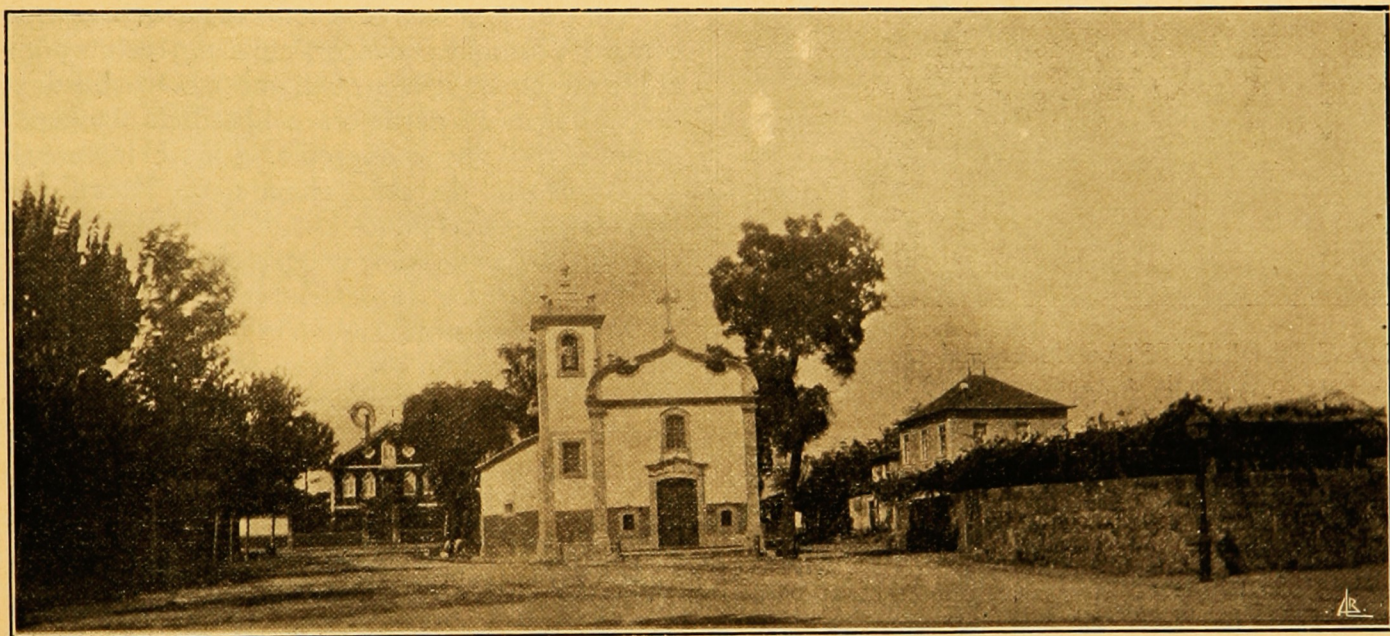


XPOZ Vieira aos seus Superiores: Deus chamava-o a viver e a morrer no ensino dos Indios; a tal sacrificio por Deus se devotava, e injusto lhe parecia quererem impedir-lhe tanta gloria; o Brazil era excessivamente esquecido pelos guerreiros e pelos missionarios de Portugal; desejava ser o ultimo dos estudantes do Collegio da Companhia onde abundavam os sabios e os genios; a sua melhor cathedra eram a serra, o sertão, os matos virgens, tendo por discipulos os Indios; as suas mais altas e gloriosas sciencias, e para as quaes Deus havia tanto tempo o chamava, eram a missão catholica nas terras dos aborigenes do Brazil.

Mas os Superiores attenderam-no só até se

ra cada vez mais humilde se tornava. O roble queria inculcar-se como graminea mesquinha. Professor illustre, de si dizia, que era pobre discipulo dos seus discipulos.

Mas chegou o anno de 1635. Dia 13 de Dezembro, dia de Santa Luzia, a luminosa virgem e martyr, trucidada no anno de 304 em Syracusa. Antonio Vieira—diz agora o Padre Barros—é promovido ao Sacerdocio, e no mesmo Dezembro de 1635 celebrou talvez a sua primeira Missa. Tinha 27 annos, e já com gloria bastante para a vida de muitos macrobios. Os 27 annos do novo levita não valiam infinitamente mais do que os do frascario e sanguinario Sebastião José que, completando-os em 1726, não dava de si outro signal que não fôsse o de um banal *valentone* com fortissimas tendencias para intriguista e delapidador? Pois acrescentem a Antonio Vieira a graça angelica do Sacerdocio, e o paralelo ficará estupendo como o que pôde fazer-se entre um Cromwel



S. MAMEDE DE INFESTA.—CAPELLA DE SANTA EUPHEMIA.—Com todo o brilhantismo que co tuma revestir, o esplendor das festividades religiosas e grande concurso de povo realisou-se nos dias 11 e 12 de setembro n'esta capella, a popular e tradicional romaria e festa de Santa Euphemia, sua padroeira. Nas paginas seguintes se encontram varios outros aspectos da igreja e arraial, comprovando o que dizemos.

convencerem de que Vieira realmente os abandonaria depressa. Alvoraçados com a perda de tal professor, negaram-lhe a licença e logo porfiaram em o obrigar a estudos ainda mais profundos. Assim Antonio Vieira estudou então Philosophia com o Padre Mestre Paulo da Costa Sênior. Auctor, a breve trecho, d'um substancioso compendio, ou Curso Philosophico, passou a frequentar Theologia, sendo auctorizado a dispensar as postillas dos lentes, já que os suppria admiravelmente com verdadeiros tratados seus.

Mas, prodigioso nos vãos, a sua elevação moral em nada se deprime, antes ganhava progressivo alento. Innundavam-no respeitos e applausos. Os assombros de todos cercavam-no de admiração e prestigio. Adoravam-no con-discipulos e mestres. E, comtudo, Antonio Viei-

de via reduzida e um pontifice como Hildebrando, o altissimo Gregorio VII.

*

Entretanto, o destino do Padre Antonio Vieira ia imergir n'um dos seus mais brilhantes periodos. Portugal, que não ouvira a tempo Phebo Moniz e dera ao Prior do Crato apenas um punhado de combatentes, armados com pouco mais do que canivetes, nada valiosos diante da rija infantaria do duque d'Alba, Portugal achava emfim demais o jugo e o opprobrio de sessenta annos de tutela e escravidão. Sem Mindello, sem Rotunda, e até sem o snr. Leote do Rego, os fidalgos—que n'esse tempo ainda se entendiam com o povo, talvez porque não padeciam de varias *prudencias* modernas, estrategicas como as do senhor de la Palisse—





S. MAMEDE DE INFESTA—A imagem de Santa Euphemia que se venera na capella da mesma invocação

forjaram, orientaram e fizeram vingar a revolução de 1640, sem Rotundas—humildemente o confessamos; com o apoio franco e unanime do povo portuguez, elemento muito ausente na epopeia de 5 de Outubro de 1910 e na tragi-comedia de 14 de Maio d'este nosso pasmoso anno de 1915.

D. João, 8.^o Duque de Bragança, teve de deixar as matilhas e os javalis de Villa Viçosa, não para morrer, traiçoeira e hediondamente, no Terreiro do Paço, mas para reinar, fundando uma dynastia que tem sido insultada por mais homens irresponsaveis do que maus. O duque vacillara, receoso da apathia do povo das provincias, mas não menos afflictos temos visto grandes herois que, de ouvido á escuta dos estridores das chacinas revolucionarias, cômem, bebem e dormem, intrepidamente fóra de portas, dentro do immortal automovel que, em caso de perigo, os apresenta, de golpe, em Badajoz, assim como, triumphando a anarchia que os do Mindello cimentaram, os conduz ao Capitolio n'um pandemonio de charangas, vivas, foguetes e respeitabilissimas carraspanas. Quem não respeita a embriaguez da gloria?

Foi aclamado rei de Portugal o senhor D. João IV. Nada tinha de D. João I. Caçador e artista, um tanto gastrónomo, distava decerto

mais do Mestre d'Aviz, do que de Nunalvares distava Mathias d'Albuquerque.

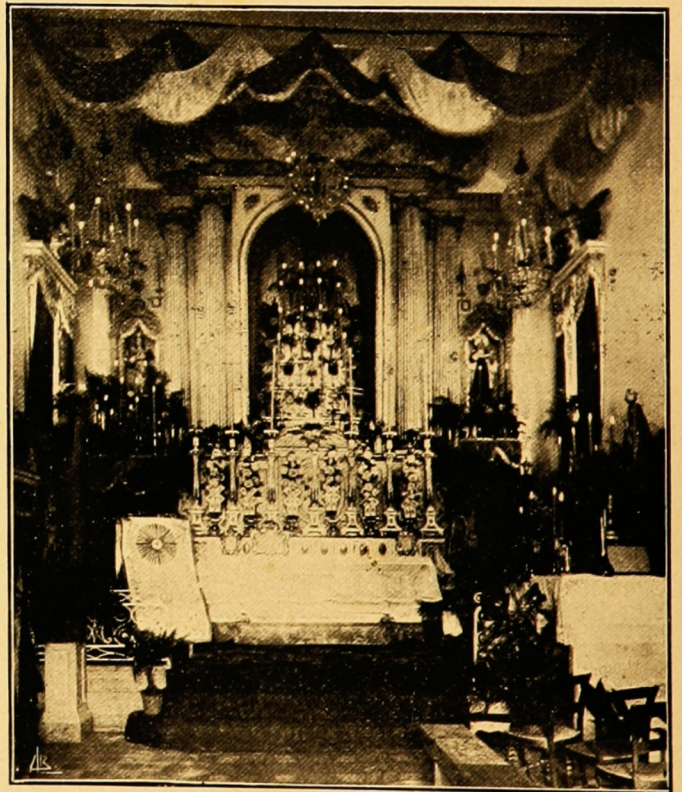
Mas nem era imbecil nem poltrão, como o têm pintado. Chistoso, com natural agudeza no conceito, excellente musico (e até razoavel compositor), sabia conhecer o formigueiro palatino, e raras vezes dava despacho de injusto effeito. Não sei o que elle faria, se o obrigassem a pelear no Montijo, mas, pelo menos, como em 1640 não havia ainda automoveis, a ter de fugir, fugira a cavallo e creio que disposto a tratar, como tratara os javalis de Villa Viçosa, o perro castelhano que o quizesse levar, como tropheu conquistado á gula de Philippe IV, da Hespanha.

Seja como fôr, a Restauração encheu de jubilo todo o povo portuguez, e o novo monarcha, apesar de ser bexigoso, o que o não impedia de ser gentil—affirma-o Rebello da Silva—aprouve a toda a nacionalidade que o retratou na alma como se fôsse Adonis multiplicado por Apollo.

Ah! e, por mercê de Deus, a belleza que o povo portuguez descortinava no restaurador era a da alma sem a qual, mesmo trasbordando a força de character, a liberdade é despotismo, o trabalho é anarchia, a luz é temporal.

A alegria do paiz chegou ao Brazil que festivamente acclamou D. João IV. Veio ao reino uma commissão congratulatoria. O vice-rei do Brazil D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão, organisou-a, chamando a si seu filho D. Fernando de Mascarenhas, o padre Simão de Vasconcellos e o padre Antonio Vieira.

Era em 1641. Cem annos depois, o grande



Interior da capella de Santa Enphemia, ornamentada para a festa da padroeira



Um aspecto do arraial

Pombal refocilava em Londres a concupiscencia e a manha, saltando, quatro annos volvidos, para a embaixada de Vienna d'Austria, até que, chegado o anno de 1750, o senhor D. José I, teimando em *ficar ao torno*—porque era um habil torneiro—o poz no throno que conservou até 1777. Oh! a differença!

*

O padre A. Vieira—diz Barros—sahiu do Brazil a 27 de Fevereiro de 1641. Não foi remançosa a viagem. Perto das costas de Portugal, uma procella rija flagellou a nau. Alijaram, no perigo do naufragio, provisões e artilharia. O primeiro insulto do temporal foi no dia 13 de Abril. Escapando-lhe, os viajantes davam graças a Deus, quando, no dia 14, a procella repeliu os seus rigores e furias.

A noite d'aquelle dia foi horrenda. Succ-

diam-se os trovões e as ventanias ferozes. Mas, por Deus, salvaram-se as vidas e a nau de tantos apertos. Emfim, avistaram terra. Para ella velejaram. Era a linda, e pittoresca surriba de Peniche, que ha annos avistei, encantado, do miradoiro luminoso do Collegio de S. Bernardino, ao pé de Athouguia de Baleia.

Desembarcaram. Conhecem a villa de Peniche, a branca, com qualquer coisa de Cadiz na alegria com que sorri ao Oceano? Não atravessaram, como eu atravessei, aquellas ruas tranquillias, luminosas, perfumadas vivamente a odores marinhos? Era de lá, de muito perto, um dos meus mais queridos amigos, homem simples, cheio de raras virtudes, Francisco da Costa Lemos, finado nos fins de Agosto de 1913, no mes-

mo dia em que eu, jantando em casa do venerando escriptor snr. Visconde de Castilho (Julio), ao Lumiar, declarava aos illustres convivas—eram só mais dois, o alto poeta e erudito dr. Xavier da Cunha e o brilhante director da *Nação*, João Franco Monteiro:—*Sabem que mais? Nem Monarchia nem Republica, já que tudo falliu em Portugal. Porque não havemos de luctar por uma religiosa Synarchia?*

E' de Peniche José Ribeiro Coelho, o talentoso director dos *Echos do Minho*, alma de modestia encantadora, valor que se compraz em refugiar-se n'uma humildade christianissima, dando boas lições ás basofias dos que valem muito na politiquice faminta, e muito pouco em qualquer prestimo genuino...

Peniche! Mas os viajantes desembarcaram em má hora. O povo de Peniche, escaldadamente patriota, conheceu D. Jorge de Masca-



Outro aspecto do arraial de Santa Euphemia em S. Mamede de Infesta

(Photos. Illustr. Cath.—J. Azevedo)

renhas. Os filhos d'este marquez, e irmãos de D. Fernando, que tambem alli desembarcava, tinham-se bandeado com Castella, ignominia ainda ignorada por D. Jorge e pelos seus companheiros de viagem.

Correu sobre os quasi naufragos a onda furiosa do povo. D. Fernando foi duramente ferido na eabeça, e a morte esperava decerto os quatro leaes portuguezes. Valeu-lhes a energia e o prestigio do Conde de Athouguia, governador de Peniche, mandando soltar o padre Antonio Vieira, que tinham prendido e queriam matar, e lembrando ao povo os grandes serviços de D. Jorge de Mascarenhas em fazer render logo a Bahia e todo o Brazil ao senhorio do novo rei, D. João IV. Onde e quando soffreu Sebastião José tal injustiça? Demittiram-no do governo? Mas a *injustiça* do procedimento da Corôa bem podia abonar-se com os 120.000 cruzados de renda com que o genial marquez se abotoava, confessando a D. Maria I os seus crimes e delapidações e com pormeno-

na Capella Real. D. João IV era tão penetrante de visão mental que, tendo-o admirado logo, como que o intimou a que não mais voltasse ao Brazil. E seguiu-se a época mais brilhante da Oratoria Sagrada em Portugal. A Côrte admirava o prégador insigne, mas, se a eloquencia de Vieira assombrava pela genialidade, assombrosos eram os seus fructos, sendo notorio o effeito do Sermão do Juizo Final, admiravel obra-prima de fé, valentia e extasis, que levou varias damas palatinas a deixarem constrictamente as pompas terrenas, visionando o Juizo Supremo n'um verdadeiro e immortal alto-relevo. O Sermão do Juizo Final está para Vieira como o episodio do Adamastor está para Camões, rigorosamente respeitadas as essenciaes differenças.

Mas proferiu, algum dia, o grande Sebastião José algum discurso que, embora politico ou academico — as Academias eram então tantas!—pudesse lembrar a eloquencia, a verdade e o genio de Vieira? Não consta. Pombal fal-



VILLA VERDE.—Freguezia de Turiz.—Crianças da primeira Communhão.
Ao centro o Rev.^o Abbade da freguezia, José Narciso de Mello Leite de Vasconcellos e o coadjutor, Rev.^o Antonio J. Barbosa.

(Phot. Macedo Barbosa)



res que os reduziram á categoria de tristemente positivos. A *injustiça* da Corôa parece sobejamente defendida pelo facto de as declarações do Marquez, como reu de varias atrocidades e latrocinios, confirmarem, e até avolumarem, o libello accusatorio, não é verdade, puritanos da liberdade e da justiça?

O padre Antonio Vieira pôde emfim chegar a Lisboa. Ouviu-o D. João IV opinar sobre varios assumptos, e logo o chamou a si com criterio honroso e seguro. Por então, se destacou o Prégador. O primeiro sermão de Vieira foi no dia 1 de Janeiro de 1642. Pronunciou-o

lava como escrevia, desgeitosamente. Como muitos mediocres, ou se derramava em vocabulos rapidos e numerosos—atrás do som, mas sempre diante dos incultos — ou, diante d'um homem culto, armava em semi-Deus da Lacedemonia, e vibrava phrases curtas . . . a fingirem de profundas. E, afinal, a mais celebrada d'elle . . . não lhe pertence.

Attribuem todos os indigenas revolucionarios ao Marquez de Pombal a resposta, dada a D. José I, quando, deixando de fazer piões alguns dias, perguntou logo depois do terramoto:— *O que hade agora fazer-se?* Essa resposta foi:— *Enterrar os mortos, cuidar dos vivos e fechar*

os portos. Resposta, na verdade, profunda e synthetica. Mas não ha meio de a attribuirem a Sebastião José, porque não foi o Marquez de Pombal quem a proferiu; foi outro Marquez, o Marquez de Alorna.

Vão comparando as duas figuras celebres.

*

Entretanto, o genio de Antonio Vieira suscitava inveja. Assaltaram-no primeiro envenenadas insinuações. Mais tarde, acoimaram-no de feliz mediocridade. E, pouco e pouco, lhe pretenderam ratinhar os louros mais indiscutíveis.

Surdiu a horda dos que negam o talento ao maior genio, o saber á sciencia mais pura, a fé á sanlidade mais acrysolada.

E, infelizmente, os seus peores inimigos eram prégadores e escriptores. A emulação refinou em inveja e até em calumnia, attribuindo-lhe muitas ambições de primacialidade completamente avessa como sonho, a tão grande cerebro como admiravel coração.

mas com a replica accessivel a todo o ministro, por mais indigente de miolos, logo que não tenha nem coração, nem consciencia.

JOSÉ AGOSTINHO.

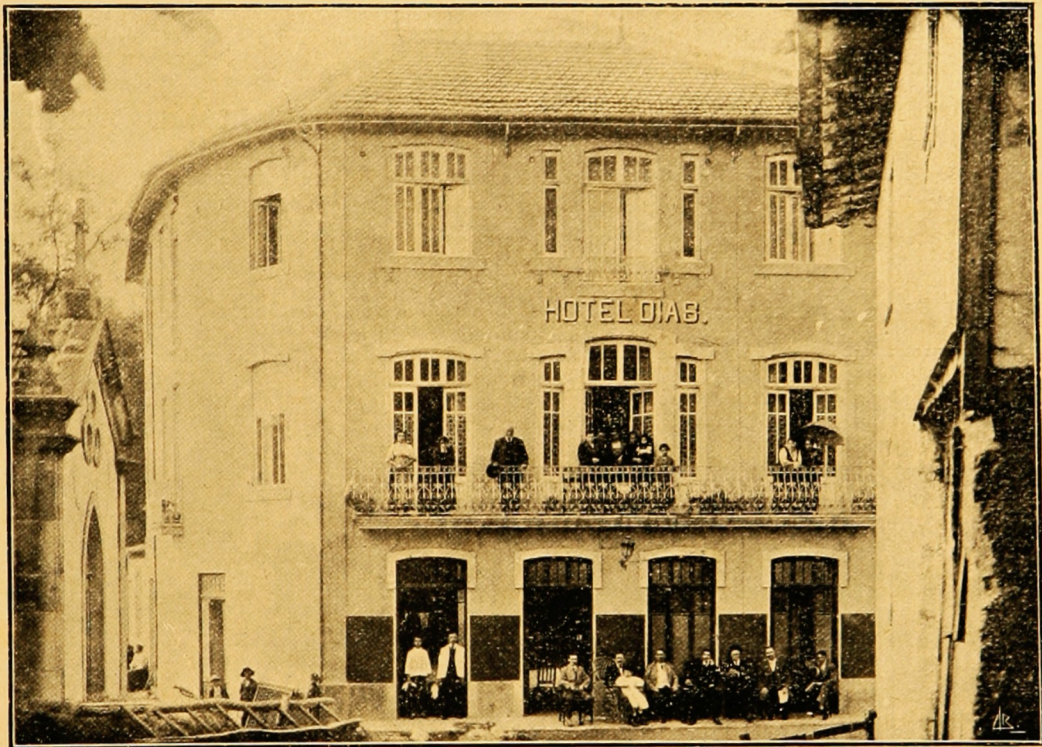


FASTOS DO CATHOLICISMO

Piedoso empreendimento

A Santa Sé não descansa na sua piedosa tarefa de mitigar quanto seja possivel as dores das familias dos soldados e officiaes que d'elles estão separadas.

Ao escriptorio para esse fim fundado expressamente, chegam cada dia milhares de cartas de todas as nações em guerra pedindo no-



CALDELLAS—Hotel Dias, que acaba de passar por notaveis melhoramentos

Negavam-lhe eloquencia, talento e saber. Depois, vigiavam-lhe a propria orthodoxia na discussão das novidades com que expunha e interpretava os textos. A breve trecho, para esses pobres maus homens, todo o ouro de Vieira era latão, todo o relampago era fogacho, toda a genialidade, charlatanismo.

Não soffreu assim Sebastião José, porque, tendo a prudencia de disfarçar a ignorancia sem auctoridade superhumana, ninguem lhe ouviu discurso que implicasse seriamente com a religião ou com a sciencia.

E assim se comprehende que o Marquez—Grande, pelo que muitos julgam ser possivel n'elle, que é tudo quanto ha de sublime—nunca fôsse denegrido por oradores... e só por políticos,

ticias de combatentes cujo paradeiro se ignora, cada uma das quaes requer uma larga serie de investigações, de consultas e correios especiaes a varias cidades da Europa, de diligencias de todo o genero afim de poder dar informes certos e seguros ás muitas familias que os sollicitam.

A pornographia

No periodico *A Perseverança* de Milão, se insere um energico protesto que os paes de familia elevam ao governo italiano, para que dicte disposições encaminhadas a que se guardem com rigidez as leis contra a pornographia. E' incrível a cegueira dos governos de França e de Italia consentindo esta horrivel praga para

a alma, n'estes tempos em que o açoite da guerra se desencadeia sobre esses paizes, não comprehendendo ou não querendo comprehender quanto atrahê a colera divina o nefando vicio de pornographia.

Testemunho insuspeito

Entre os feridos de um comboio que, ao passar para o interior da França se deteve longo tempo n'uma estação, estava um que impaciente perguntou ao enfermeiro a causa de tão demorada espera, respondendo este para o tranquilisar, até que por fim se poz o comboio em andamento.

Pouco depois, impressionado o ferido pelos ternos e sollicitos cuidados d'aquelle enfermeiro, interroga-o :

—É tu o que eras antes da guerra?

—Sacerdote, e continuo sendo apesar do meu uniforme militar.

—Então os que tratam dos feridos e doentes são todos padres? Não ha muito foi um seminarista quem me salvou no campo de batalha, e agora é um sacerdote quem me cuida. Depois d'isto, não é possível continuar a ter-vos prevenção, mas sim, pelo contrario, admiração e respeito.

O ferido era o mestre de uma escola laica.

França maçônica

O prefeito do departamento de Loiret pro-

hibiu a exhibição de bandeiras com as côres nacionaes, em que se estampe qualquer emblema.

Esta brutal disposição tem por fim prohibir a circulação dos milhares de bandeirinhas francezes com a imagem do Sagrado Coração, com que se honram não só os catholicos da classe civil, mas tambem os innumeraveis militares que nas trincheiras combatem.

Pobre França! Quando se libertará do predominio maçõn!?

R. C.

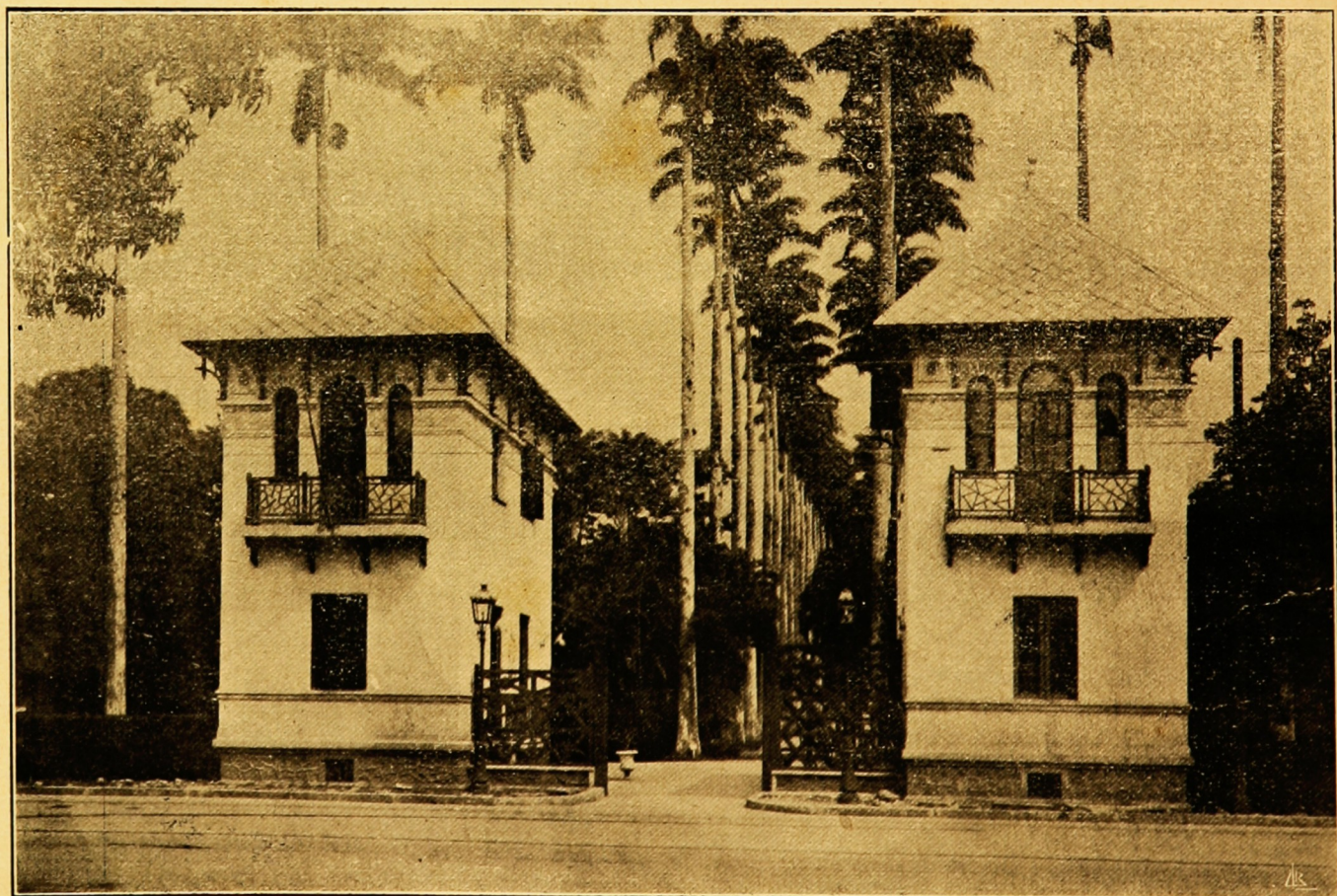


RAMALHO ORTIGÃO

Celebre escriptor, collaborador de Eça de Queiroz e com elle auctor das *Farpas* e do romance *Mysterio da Estrada de Cintra*, auctor de muitas obras de alto valor litterario.

Morreu reconciliado com a Igreja recebendo os Santos Sacramentos, em 27 de Setembro.

A "Illustração Catholica,, no Brazil



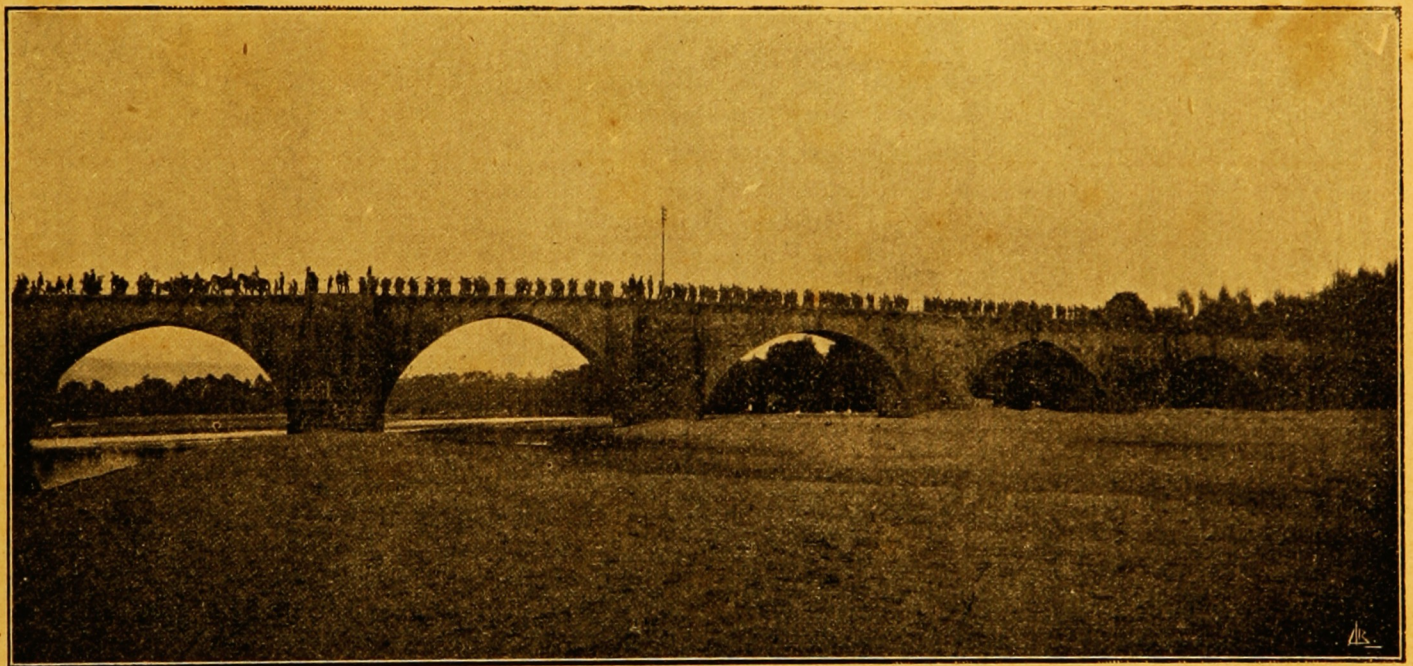
RIO DE JANEIRO—Entrada do Jardim Botânico

Vida Militar



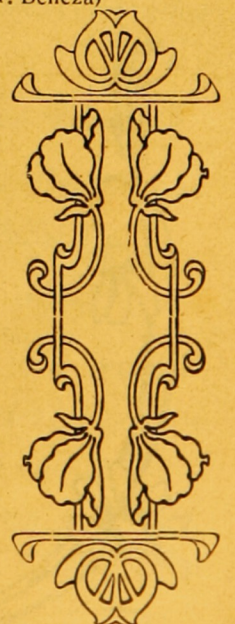
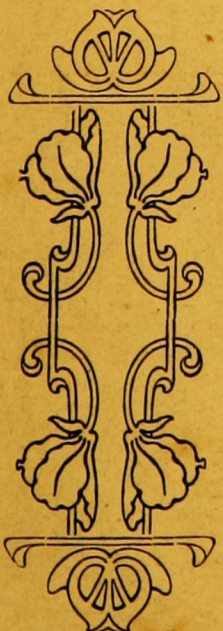
VIZEU. — Artilharia 7 confeccionando o rancho ao ar livre.

(Phot. Joaquim Batalha.)



BRAGA—O regimento de infantaria 29, atravessando, na escola de repelição ultimamente realisada a ponte sobre o Rio Cavado, em Prado.

(Phot. Belleza)



BRAGA. — Officiaes de cavallaria 11, de passeio.

Meu irmão

Tenho um irmão pequenino
— Com trez annos, pouco mais.
Tem uns olhos virginaes . . .
De um brilho diamantino.

Seu cabello louro e fino
Lembra-me o ouro dos trigaes,
Onde os melros joviaes
Assobiam o seu hymno.

Seu olhar tam vivo abrasa,
Na sua doçura infinita,
Todo o nosso coração.

E' o anjo da nossa casa
Esta linda creancita,
Tagarela até mais não.

FRANCISCO SEQUEIRA.

Um ninho

Um ninho . . . Ai, que pequenino!
Mas como elle nos fascina . . .
Muito mais que uma bonina,
Que vicêja ao som de um hymno.

Tem um encanto divino,
Como o esmalle da campina:
Ha 'nelle a graça divina
De um cantico peregrino.

Pendurado de um raminho,
Quem não viu ainda um ninho
Feito com tanto primor?

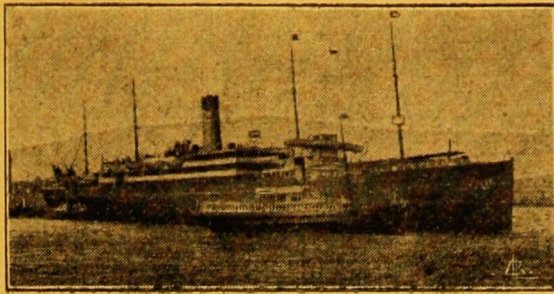
Um ninho tem tanta graça
Que o mesmo sol, quando passa,
Dá-lhe mais luz e calor . . .

FRANCISCO SEQUEIRA.

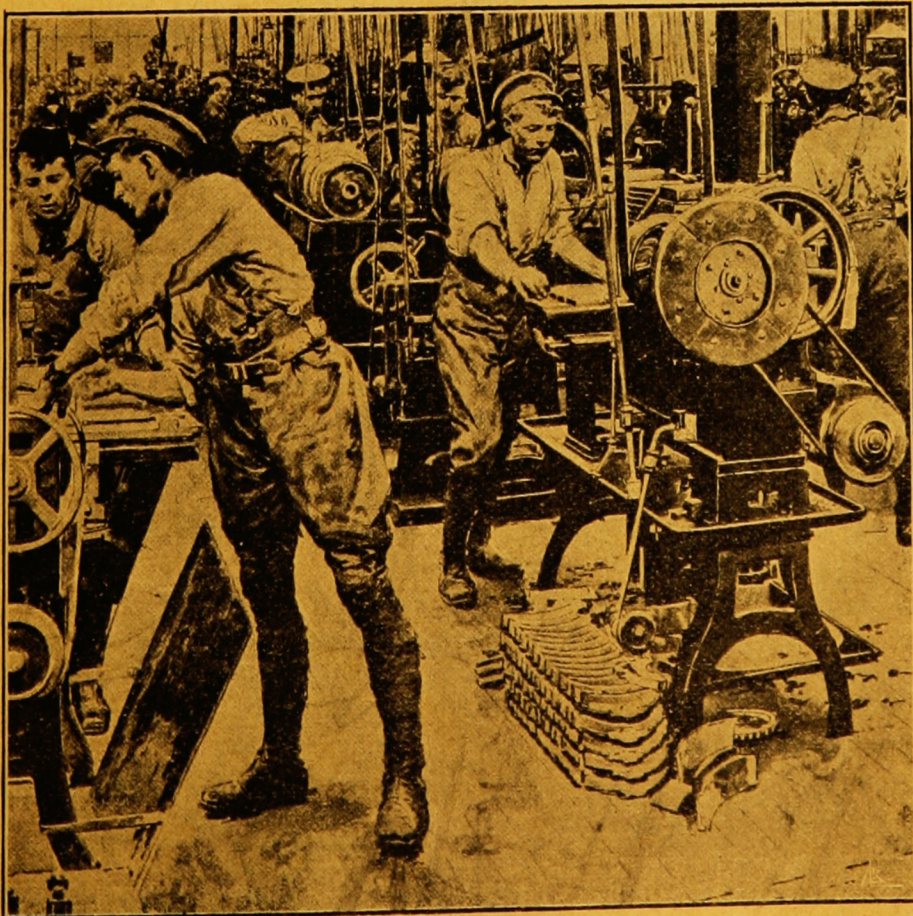
A Guerra Europeia

1— O magnifico e rapido transporte britânico «Royal Edward», de 12:000 toneladas, torpedeado por um submarino germanico.

(Phot. H. de O.)



2 — Commemoração da victoria do Marne: Visita ás tumbas na planicie de Meaux. No cemiterio de Chambry, ajoelhado, Monsenhor Chesnelong, arce-



bispo de Sens; atraz, Monsenhor Marbeau, bispo de Meaux; em uniforme, o abade Dugoux, tenente de infantaria, que officiou nas ceremonias funebres celebradas na Cathedral.

(Phot. Illustration.)

3 — Patrulha dos «Senussi» na peninsula do Sinai

(Phot. Hoffer.)

4 — Os soldados dos regimentos reaes ingleses, feridos na linha de fogo, aproveitam a convalescência em Inglaterra, para auxiliar a fabricaçào de munições.

Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos

Portuguezes na India



VALENTIA de Pero Mascarenhas contra os mouros foi tão notavel, que Affonso d'Albuquerque beijou-o apóz um combate travado sob o sol calcinador da India. Entre os mais fidalgos saltou um rumor de palavras, como se todos naquelle louvor recebiam alguma injuria. O auctor desta revolta foi Francisco Pereira Pestana, que nas cousas de cavallaria era de uma condição forte e lingua aspera. Assim se lhe dirigiu Affonso d'Albuquerque:

—Que quereis, Francisco Pereira? Quereis ver o meu coração? vêde-lo aqui puro, limpo, todo cheio de amor; e todo aquelle que menos parte tem nelle é quem isso não crê.

Com o qual modo e palavras metteu toda a murmuração em prazer e festa da victoria.

O marquez de Fronteira

O marquez de Fronteira e o de Tavora — que ambos aspiravam ao valimento do rei D. Pedro II — estavam conversando a uma janella que sahia para o Terreiro do Paço. Veio por de traz o rei e pondo-lhes as mãos nos hombros, perguntou familiarmente:

—Em que estão discorrendo os marquezes?

Respondeu o de Tavora que era prompto e vivo:

—Estavamo-nos enganando um ao outro e ambos a Vossa Magestade.

Morte de Affonso d'Albuquerque

Os inimigos do novo Alexandre alcançaram da ingratidão real governador novo. Quando o grande capitão o soube, disse tristemente.

—Mal com os homens por amor d'el-rei, e mal com el-rei por amor dos homens: bom é acabar.

Deu algumas ordens para consolidação do imperio e escreveu a D. Manoel:

—Senhor, quando esta escrevo a Vossa Alteza, estou com um soluço que é signal de morte. Nesses reinos tenho um filho: peço a Vossa Alteza que m'o faça grande, como meus serviços merecem, que lhe tenho feito com minha serviçal condição; porque a elle mando sob pe-

na da minha benção, que vo-los requeira. E quanto ás coisas da India não digo nada, porque ella fallará por si e por mim.

Mandou que o levassem a Goa, morrendo á vista desta cidade o maior capitão portuguez e tão illustre como os maiores da antiguidade.

Como perdemos a India

D. João III mandou prender Lopo Vaz de Sampaio, que fôra visor-rei da India. O rei interpelou o:

—Tinhas poder para te apoderares das joias dos reis e dos principes?

Lopo respondeu altaneiro:

—Se algumas tomei, Vossa Alteza as tem e bem pode torna las a seus donos.

Policratides

A patria de Policrátides corria risco de terminio, pois que um exercito numeroso e aguerrido cercava-a estreitamente. Policrátides foi enviado pelos seus patricios a parlamentar com o general inimigo, que logo lhe perguntou:

—Vindes em vosso nome ou da Republica?

—Se alcançar o que pertendo venho em nome da Republica, e senão venho em meu nome.

Cortezia em Fontenoy

O general Ingoldsby dissera que convinha tomar a ravina que fica em frente de Fontenoy, e uma columna profunda de soldados inglezes marchou sustentada por canhões. Foi em vão que os guardas francezes procuraram conquistar os canhões inimigos. Os dois corpos de frontavam-se de ambos os lados da ravina. Os officiaes inglezes tinham saudado os inimigos.

—Senhores guardas francezes, atirae!

Bradou Carlos Hay.

—Atirae vós, senhores inglezes, nós nunca somos os primeiros!

Respondeu o conde d'Anteroche.

A descarga dos inglezes foi mortal para os guardas francezes. Os soldados cederam, os inglezes passaram a ravina.

* * *

Não sejas mui facil em tomar amigos.—
Plutarco.

Tres cousas deve o amigo desejar ao seu amigo: saude, honra e dinheiro.—*Cicero.*